

CR

correio do povo rural

Coordenação: Elder Ogliari | rural@correiodopovo.com.br

Reportagem: Danton Júnior e Nereida Vergara | Ano: 33 Número: 1.718



Adeus ao rebanho

DANTON JUNIOR E NEREIDA VERGARA

Um ano após criar grupo para combater o abigeato, Brigada Militar reconhece que a medida não teve o efeito esperado. Enquanto o número de casos continua em alta, levando produtores a desistir da pecuária, a área de segurança do governo do Estado inicia uma nova formatação do programa

Após sofrer com o abigeato pela terceira vez desde dezembro, o pecuarista Fernando Azambuja decidiu vender todo o plantel de 137 cabeças da raça Brangus, fruto de um trabalho de 18 anos de seleção genética à frente da Fazenda Saudade, em Encruzilhada do Sul. O remate foi realizado na última terça-feira, em Viamão (foto abaixo). Restaram apenas seis touros que não puderam ser transportados e serão vendidos na primavera. Agora, a propriedade que tem com a esposa Marilene será arrendada. “Cansei”, resume o produtor.

A cada animal arrematado, o pecuarista sentia sua desolação aumentar. “No dia do carregamento, na véspera, para mim foi um velório. Ontem (terça-feira) foi o enterro”, definiu. No primeiro furto, além dos animais, os criminosos levaram eletrodomésticos de dentro da casa. A última ação ocorreu há 15 dias. “Pegaram uma novilha tatuada, com cria, e carnearam o bicho no campo”, recorda Azambuja. Nas três ações criminosas, o prejuízo total foi calculado em R\$ 30 mil, com a perda de 20 animais. “Pedi apoio da polícia, mas quan-

do eles chegam lá já está tudo atirado no campo”, lamenta o criador, que chora ao falar do assunto.

O caso de Azambuja reflete as dificuldades do combate ao abigeato. Há um ano, o governo do Estado criou a Companhia de Operações de Fronteira e Patrulhamento Rural, que contaria com 150 homens. A medida, no entanto, não surtiu efeito na prática. “A companhia não avançou como gostaríamos”, reconhece o comandante-geral da Brigada Militar, coronel Alfeu Freitas Moreira.

Conforme o oficial, à dificuldade de recursos humanos se somou a especificidade do crime, que necessita de patrulheiros treinados para o combate. Por isso, segundo Moreira, o projeto está sendo reformatado, com a adição dos patrulheiros ambientais ao grupamento. O objetivo é aprimorar o combate ao abigeato e outros crimes comuns em áreas fronteiriças. “O abigeato exige do policial militar conhecimentos específicos, que vão desde os sinais de identificação do animal até as normas sanitárias”, destaca.

O primeiro treinamento da patrulha conjunta ocorreu entre 6 e 10 de junho,

em Livramento, reunindo 70 policiais da Fronteira Sul, Serra e Região Metropolitana. “Hoje, estamos atuando com apenas 50 policiais militares no patrulhamento rural, que não contempla apenas os crimes de abigeato. A ideia é fazer mais dois encontros como este, abrangendo até 200 policiais das regiões envolvidas”, adianta o coordenador do treinamento, major José Carlos Pacheco Ferreira.

MILHARES DE CASOS

A Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul registrou 9.240 crimes de abigeato em 2015, com 1.940 casos a mais do que em 2014. Para o presidente da Associação e Sindicato Rural de Bagé, Rodrigo Moglia, as estatísticas oficiais não correspondem à realidade da região. “Estamos em situação caótica, lidando com o crime organizado. Temos furtos de até cem cabeças de gado e prejuízos que excedem os R\$ 250 mil por mês na região, frisa.

Moglia sugere como alternativa para combater o abigeato a criação de uma força-tarefa do Ministério Público Estadual, nos moldes da que promove a operação Leite Compensado. Ressalta, ainda, que o crime não prejudica apenas quem tem gado furtado, mas também o consumidor, que adquire um produto sem qualquer cuidado sanitário.

O presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, José Roberto Pires Weber, avalia que o aumento dos casos de abigeato é resultado do desinteresse do poder público em combater os crimes no campo. “O Estado está quebrado”, afirma, lembrando que “a Brigada Militar e a Polícia Civil atuam com metade do efetivo que deveriam”. Weber diz, ainda, que a inércia governamental provocou o descrédito do produtor, que muitas vezes sequer denuncia o furto por ter certeza que isso iria “dar em nada”.

Em Alegrete, o Sindicato Rural do Município formou um comitê local de combate ao abigeato com a prefeitura, as polícias civil e militar e a inspetoria veterinária. “Mas o produtor tem de fazer a denúncia formal do crime para que este possa ser investigado”, afirma o vice-presidente do sindicato, Joal Pontes.



Desolado com os frequentes furtos, Azambuja desistiu da pecuária, colocou todo o plantel da raça Brangus à venda e vai arrendar a propriedade